

# BADERNA, DANÇA QUE SE COSTURA COM RITUAIS

**Helena Katz**

ESPECIAL PARA O ESTADO

Roda de samba com jeito de casa de santo. Pancada firme, que faz do tambor um guia para conduzir o que virá. Distorção da voz irradiando a ambivalência do masculino-feminino. Coquetel potente, que traz uma figura pouco conhecida do século 19, a bailarina italiana Maria Baderna, para batizar essa obra. *Baderna*, do Núcleo Luis Ferron, volta para uma rápida temporada de 8 a 11 de abril no Centro Cultural Rio Verde, onde estreou, em SP. Vale conhecer esse jeito singular de costurar dança, performance, música, canto e religiosidade sem perder nenhum de seus fios, pois se trata de uma inauguração que merece ser celebrada na cena paulistana. Ará-Ô!

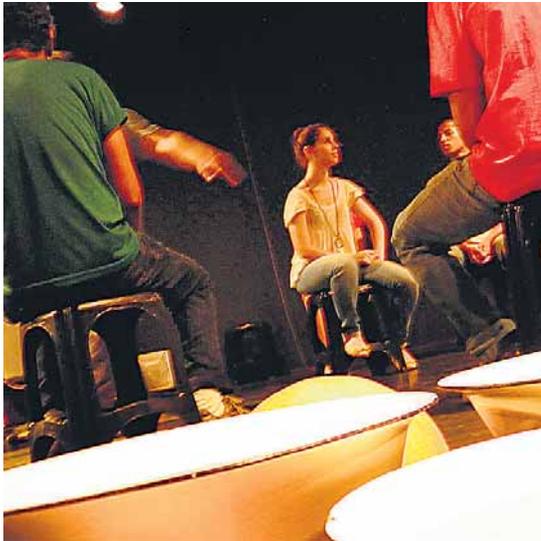
O que mais interessa da Maria Baderna que o espetáculo traz de volta, é o subtítulo do livro que Silvério Corvisieri lhe dedicou em 1998, aqui traduzido pela Record em 2001: “A bailarina de dois mundos.” Pois que ela foi prima ballerina absoluta no Scala de Milão, e tornou-se a “rainha da dança” do Teatro São Pedro de Alcântara, no Rio, onde dançou pela primeira vez em

- ♦ de 1849. Aluna do mestre de balé Carlo Blasis, transformou-se em uma comoção popular por que incorporou os movimentos

- ♦ do baixo ventre dos lundus e dos batuques que aprendera com os escravos que dançavam no Largo da Carioca. Por instaurar a libido no palco imperial, foi execrada pelos que faziam do folhetinista Paranhos, do *Jornal do Commercio*, a sua voz.

É justamente esse tipo de trânsito entre mundos diversos que mais importa nesta obra que Luis Ferron concebeu e dirigiu. Permanecendo no ambiente do samba, que já havia focado no ex-

SOLANGE BORELLI/DIVULGAÇÃO



**BADERNA**  
**Centro Cultural Rio Verde.**  
Rua Belmiro  
Braga, 181,  
3459-5321.  
Dom. a 4ª,  
20 h. Grátis.

**Samba.**  
Tambores regem com sensibilidade tradições afro

celente espetáculo anterior *Sapatos Brancos* (2011), através das figuras do mestre-sala e da portabandeira, ele agora o expande, demonstrando que sabe como fazer das misturas o seu assunto. São os tambores que regem os encontros de agora, mas o que os costura é o convite afetuoso a cada um que participa (pois a relação com o público se dá para além do assistir, mesmo sem o uso do recurso habitualmente problemático da interatividade).

O modo como o espaço se apresenta, sem separar quem vê de quem faz, funciona como um mapa desta *Baderna*. As lugarizações iniciais não se preservam ao longo do espetáculo, pois os deslocamentos constantes dos cinco

cointérpretes ficam redesenhando novos territórios, que vão produzindo a necessidade de buscar os melhores pontos de onde avistar o que se passa. Instaura-se um jogo sem caminhos determinados, de transições suaves, do qual não escapam nem as paredes. Cada deslocamento se transforma em uma nova fresta, por onde se vê pela primeira vez o que já parecia ter sido visto.

A diversidade prolifera em todas as direções. Nos corpos de ca-

da um deles, com habilidades específicas da maior competência; na qualidade das metáforas sobre o que tem sido varrido para baixo do tapete da dança contemporânea: competição como valor de uso, preconceitos como valor de troca, ausência das culturas populares.

Esta *Baderna*, verdadeiro carro abre-alas de um cortejo ao qual devemos todos aderir, vai derrubando os muros bem-comportados que escondem o silenciamento dos traços afro-brasileiros na dança contemporânea que se produz por aqui.

Do seu jorro celebratório, montado com uma metodologia DJ, espoca uma referência ao *Café Müller*, de Pina Bausch. Essa preciosidade exemplifica que o tipo de articulação entre as cenas é o de um ritual que transforma todos em convivas. Alyson Santos, Maurici Brasil (que já estava em *Sapatos Brancos*), Maurício Bade e Teo Ponciani são os guardiães que se juntam a Luis Ferron nos cruzamentos entre ogans, batuqueiros, dançarinos, passistas, hip hop, candomblé, jongo, umbigada, congada e umbanda. Esta *Baderna* é uma clareira para se pensar a relação da dança com o lugar onde ela é feita. Nem dá vontade de ir embora, quando ela acaba. Porque ela, na verdade, está justamente começando um novo caminho. Ará-Ô!